



Tema Gerador: Semana da Família

HTPI referente a semana de: 30/06 a 06/07

Pesquisa revela realidade e desafios dos educadores para levar a perspectiva antirracista para o cotidiano escolar – Parceria com as famílias

Revista NOVA ESCOLA

Por [Camila Cecílio](#)
28/11/2022

“No começo de 2021, eu estava passando por uma transição capilar. Um dia, cheguei na escola e uma professora parou ao meu lado e perguntou por que eu tinha cortado o meu cabelo ao invés de fazer chapinha. Em seguida, ela começou a comparar o meu cabelo a esponja de aço e a fazer piadas maldosas. A primeira reação que tive foi uma vontade grande de chorar. Fiquei muito triste e, depois, busquei forças dentro de mim para passar por cima do que ouvi, porque doeu demais”.

Esse é um breve relato do que a professora Valdilene Melo dos Santos, de 46 anos, autodeclarada parda, sentiu após ter sido vítima de racismo na escola onde trabalha com os Anos Iniciais na rede pública de Parauapebas, município paraense a 700 quilômetros de Belém. Ela atua em duas unidades públicas, onde a maioria dos professores é branca, e afirma que não há abertura para se discutir com a comunidade escolar os preceitos de uma educação antirracista.

“Cheguei a ouvir da coordenação que não era para eu trabalhar a cultura antirracista nas minhas aulas porque racismo não existe no Brasil, que isso é ‘mimimi’ de negro”, lembra.



Material organizado por: Professora Maria Aparecida Cubilia

Sem apoio para trabalhar o tema, a educadora percebe um cenário de propagação de preconceitos e discriminação racial.

O último episódio, inclusive, ocorreu na mesma manhã em que a educadora se preparava para conversar com a NOVA ESCOLA sobre o assunto.

“Estávamos fazendo uma exposição para celebrar o [Dia da Consciência Negra](#) e, sem nenhuma razão evidente, um grupo de alunas brancas não quiseram falar sobre autores e personalidades negras que conseguiram construir histórias de sucesso no Brasil. Percebi que não se tratava de vergonha de falar, mas de preconceito mesmo”

A professora de Educação Infantil, Cristiane Bolzani, de 51 anos, é branca e também presenciou situações de preconceito racial dentro de escolas em que trabalhou.

“Em uma delas, crianças que tinham cabelos lisos ou apenas cacheados eram diariamente penteadas enquanto as de cabelos crespos já vinham de casa com penteados, de modo que nunca eram desfeitos para lavar, apenas passavam uma escova e creme de pentear para ajeitar os fios que estavam fora do lugar. Não raro, as próprias famílias pediam que fosse assim, porque a maioria das professoras, pardas ou brancas, de cabelos escovados ou ‘progressivados’, não sabia desembaraçar, lavar e pentear cabelos crespos”



Material organizado por: Professora Maria Aparecida Cubilia

Durante muito tempo, essa era a justificativa para não tocar os cabelos crespos, segundo a educadora.

“Até que começamos a perceber que as crianças de cabelos crespos ficavam olhando os outros coleguinhas sendo penteados demoradamente e até recebendo elogios das cuidadoras. Isso nos levou a buscar formas de lidar com o cabelo crespo, sem rotular como ‘ruim’ ou ‘difícil’ de cuidar e pentear e vendo que tem características próprias. Então, começamos a exigir da escola que comprasse produtos específicos para as crianças”.

Recorda Cristiane, que hoje atua com turmas de 5 anos na EMEI Piratininga, na periferia de Belo Horizonte (MG).

Metade dos professores já presenciou situações de racismo na escola

Valdilene e Cristiane estão longe de serem as únicas professoras a enfrentarem esse tipo de problema no contexto escolar.

Com o intuito de entender a realidade e os desafios dos educadores ao levarem a perspectiva antirracista para o cotidiano escolar, NOVA ESCOLA realizou uma pesquisa sobre Educação Antirracista e ouviu 1847 profissionais da Educação de todo o país, dos quais metade respondeu que presenciou situações de racismo nos últimos cinco anos na escola onde trabalha.

De acordo com o levantamento, feito entre 27 de outubro e 8 de novembro de 2022, 98% dos educadores acreditam que a Educação Antirracista é importante. A pesquisa também mostra que 85% sabem que desde 2003 existe uma lei que tornou obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-brasileira, mas 60% não sabem ou afirmam que não existe nenhum investimento que apoie o professor a levar o tema para a prática.

Nas escolas onde a professora Valdilene dá aulas, por exemplo, o tema não faz parte do Projeto Político Pedagógico (PPP) e é abordado somente uma vez por ano.

“O que vejo é que, por mais que seja lei, as pautas relacionadas ao racismo só vêm à tona no mês da Consciência Negra e, durante todo o ano, não se fala mais sobre isso. Não há nenhuma preocupação em relação a esses fatos, que ocorrem todos os dias, como a questão do racismo estrutural, do bullying praticado contra alunos negros. Percebo que o PPP da escola não está trabalhando com temas que ajudem as pessoas a perceberem essa situação no dia a dia, que tanto afeta a nossa sociedade e gera preconceitos”, diz a professora Valdilene.



Material organizado por: Professora Maria Aparecida Cubilia

A pesquisa promovida pela NOVA ESCOLA evidencia que a Educação é uma peça essencial para combater o racismo estrutural em direção à construção de uma sociedade com mais equidade.

Para Ana Ligia Scachetti, diretora de Produtos Educacionais da NOVA ESCOLA, análises como essa são importantes para entender como assuntos fundamentais como a educação antirracista vêm sendo tratados dentro das escolas.

“O levantamento mostra que esse é um tema que está em construção e reforça a importância de não falarmos de Consciência Negra apenas em uma data específica, mas de olharmos para isso o ano todo e de termos, realmente, um programa de educação antirracista que envolva toda a comunidade escolar. Ou seja, que alunos, pais e responsáveis, professores, funcionários e gestores possam olhar para isso e reconhecer os avanços que são necessários, bem como o racismo que eventualmente aconteça dentro da escola e trabalhem juntos para mudar essa realidade”, reforça a educadora.

- ***E para combater o racismo, não basta se opor a atitudes e falas racistas, mas adotar uma postura antirracista.***

O que é e o que envolve a educação antirracista

“Uma educação antirracista é aquela que entende que vivemos em uma sociedade racista, em que as relações entre as pessoas são pautadas também a partir do lugar social e racial que elas ocupam, e se preocupa em preparar indivíduos que possam se colocar contra esse sistema, gerador de desigualdade”, afirma Sherol dos Santos, professora de História da rede estadual do Rio Grande do Sul e doutoranda na mesma disciplina pela UFRGS. De acordo com ela, isso requer uma mudança não só no currículo, mas nos discursos, nos raciocínios, nas lógicas, nas posturas e nos modos de tratar as pessoas negras.



Material organizado por: Professora Maria Aparecida Cubilia

Apoio pedagógico e a prática em sala

Ainda segundo o levantamento, as regiões Norte e Nordeste concentram o maior percentual de profissionais que se declararam pretos ou pardos: 75,9% e 74,5%, respectivamente. Enquanto no Sul, apenas 24,5% se declararam negros. A pesquisa também analisou as respostas de diferentes perfis de professores: brancos são a maioria (50,97%) e professores negros (pretos e pardos) representam 47,1% do total de participantes. Neste último grupo, há três grupos: educadores sem apoio e sem um trabalho específico cujo foco seja a educação antirracista; os que não têm apoio, mas trabalham com o tema e, por fim, os que têm apoio e realizam um trabalho constante com seus alunos.

Ações para desenvolver uma educação antirracista

Qual é a principal ação na qual a escola onde deve investir para desenvolver uma educação antirracista. A opção ***“construir um PPP que inclua o compromisso por uma Educação Antirracista, com plano de ação definido”*** foi apontada por cerca de 63% dos participantes.

A maioria acredita que, para isso, também é necessário ***“envolver as famílias e toda a comunidade em ações de valorização da cultura negra e indígena e elaborar ações para a construção de um ambiente escolar que valorize a diversidade e o respeito às diferenças”***.

Mais da metade dos educadores defende que é preciso “garantir formação constante e respeito da temática étnico-racial, ter um acervo de materiais didáticos e livros que tratam da temática étnico-racial e ter plano de ação pré-definido para atuar em casos de discriminação, preconceito e racismo”. Ao todo, 47,68% consideram que as escolas devem “criar um espaço de reflexão e análise das práticas pedagógicas”.





Material organizado por: Professora Maria Aparecida Cubilia

- **Sugestão de vídeos**

1. [O Papel das Famílias e da Comunidade | No Chão da Escola - Educação Antirracista | Libras e Legenda](#)
2. [Família, escola e valores morais: o papel na formação ética | Yves de La Taille & Telma Vinha](#)
3. [O MILAGRE ESTÁ EM VOCÊ! \[MOTIVACIONAL\]](#)

Sugestão de Atividades

1. “O campo cor/raça é coletado pelo Censo Escolar nos formulários de Aluno, Profissional Escolar em Sala de Aula e Gestor Escolar, e as opções de preenchimento são as mesmas estabelecidas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE): branca, preta, parda, amarela, indígena. No entanto, além das opções citadas também é possível marcar a opção “não declarada”, o que dificulta a compreensão da realidade étnico-racial nas escolas brasileiras. **O preenchimento desse campo é obrigatório.** Por isso, é importante que a escola tenha essa informação nas fichas de matrícula para alunos, e nos registros funcionais de gestores e profissionais escolares.” Como Você Professor se declara quanto à sua cor?
2. Comente a Charge abaixo.



Disponível em:
<https://www.facebook.com/search/top?q=Thyag%C3%A3o%20%2312%C3%A1rioDoNordeste>. Acesso em: 20 out. 2023.

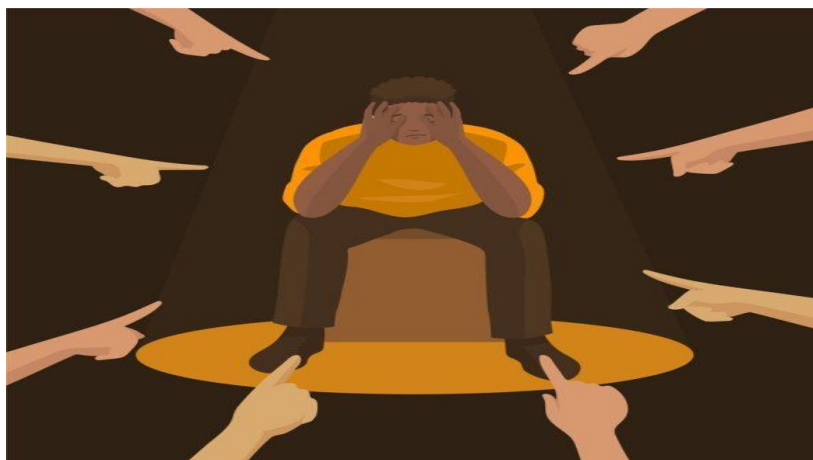


Disponível em:
<https://cantineholiterariososriosdobrasil.wordpress.com/2014/11/19/dia-da-consciencia-negra-charge-de-fabiano-dos-santos/>. Acesso em: 20 out. 2023.



Material organizado por: Professora Maria Aparecida Cubilia

3. “Os casos não são isolados. De acordo com a pesquisa *Percepções sobre o racismo*, encomendada pelo Instituto de Referência Negra Peregum e Projeto Seta, e realizada pelo IPEC – Inteligência em Pesquisa e Consultoria Estratégica, a escola aparece como o ambiente onde a maioria das pessoas declarou ter sofrido racismo. Mais de um terço dos respondentes, 38%, afirmou que o racismo foi sofrido em escola, faculdade ou universidade. O espaço superou o ambiente de trabalho, com 29% dos casos, e os espaços públicos, com 28%.” Comente de que modo podemos modificar esta realidade como Escola e família.



4. “Nossas ações e atos definem perfeitamente quem somos. O que acontece cotidianamente em nossas vidas se reflete no futuro que nos espera. É a lei do retorno. Se fizerdes o bem, terás como retorno o bem e se fizerdes o mal terás como retorno o mesmo. Nunca faça com alguém o que não gostaria que fizessem com você. Lembre-se que cada um de nós somos responsáveis por tudo que praticamos” Comente.

